

CIDADE E PANDEMIA: OBSERVAÇÃO E EXPERIMENTAÇÃO URBANA EM MOVIMENTO

Lucas do Nascimento Santos
Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Bolsista CAPES.
ufrn.lucasnascimento@gmail.com

Simpósio Temático nº 39 – (Des)Generificação Dos Corpos, Espaços Públicos e Educação

RESUMO

A seguinte proposta é parte da pesquisa que venho desenvolvendo no mestrado onde acompanho o uso e apropriação de uma praça por meio de um bar e seu público, majoritariamente LGBTQI+, em Natal-RN. Aqui, busco refletir sobre a centralidade do corpo e outros contornos que emergem na experimentação da cidade em contexto pandêmico. Para isto, são explorados os atravessamentos do pesquisador em campo, questões éticas e gestão de risco, através de uma análise que se desloca, se movimenta para apreender os novos traçados e dinâmicas urbanas. Entendendo a pandemia como múltipla, que vai se constituindo de formas diferentes para os diversos grupos e sujeitos, manter-se nas ruas seguindo os atores, que nela permanecem e desenham estratégias frente ao vírus, se mostra um interessante caminho para observar e compreender o fazer cidade. Tento mesclar a observação in loco, fixa, e uma investigação em movimento, utilizando a bicicleta e o pedalar como meio para transitar pela cidade e também enquanto ferramenta de observação. Esse processo tem me auxiliado a entender esta experiência corporificada de estar na rua apesar dos riscos do coronavírus. Assim, me deparo com dinâmicas urbanas que têm sido remodeladas pelos protocolos de segurança dos órgãos e instituições de saúde, os decretos governamentais e as respostas dos sujeitos que mantêm a cidade em movimento.

Palavras-chave: Corpo, Pandemia, Bicicleta, Cidade.

ABSTRAT

The following proposal is part of the research I've been developing in my master's, where I follow the use and appropriation of a square through a bar and its public, mostly LGBTQI+, in Natal-RN. Here, I seek to reflect on the centrality of the body and other contours that emerge in the experimentation of the city in a pandemic context. For this, the crossings of the researcher in the field, ethical issues and risk management are explored, through an analysis that moves, moves to apprehend new urban lines and dynamics. Understanding the pandemic as multiple, which is constituted in different ways for different groups and subjects, keeping on the streets following the actors, who remain in it and design strategies against the virus, shows an interesting way to observe and understand what is making city. I try to mix observation in loco, fixed, and an investigation in

motion, using the bicycle and pedaling as a means to move around the city and also as an observation tool. This process has helped me to understand this embodied experience of being on the street despite the risks of the coronavirus. Thus, I am faced with urban dynamics that have been remodeled by the security protocols of health agencies and institutions, government decrees and the responses of individuals who keep the city in motion.

Keywords: Body, Pandemic, Bicycle, City.

INTRODUÇÃO

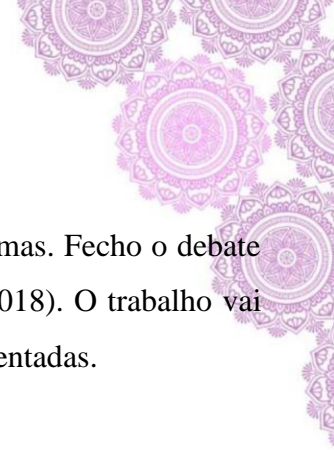
Uma semana após iniciar o curso de mestrado, em março de 2020, me deparei com a declaração da Organização Mundial de Saúde – OMS, onde era atribuído o status de pandemia, levando em consideração a gravidade, mas, principalmente, a rápida disseminação geográfica do coronavírus, e consequentemente da covid-19, atingindo naquele momento mais de 200 países. A declaração serve de reforço para adoção e manutenção das medidas implementadas pelas nações, visando a contenção da circulação do vírus, já que neste momento inicial medidas preventivas eram a única forma de lidar com ele.

Isto impacta diretamente a vida das pessoas e a realização das pesquisas presenciais. Nesse contexto, se fez necessário uma série de estratégias para repensar e executar as investigações. É neste momento de reconfiguração dos objetos e metodologias de pesquisa que traço a presente reflexão, partindo das escolhas e possibilidades que foram se apresentando durante a execução da minha pesquisa *in loco* durante a pandemia do coronavírus.

Trago o corpo enquanto central para a experimentação urbana, refletindo como este elemento é atravessado por diferentes fatores, como os marcadores sociais, localizações, formas de transitar, acessos e restrições que vão modelando a vivência na cidade. Penso também sobre o lugar de pesquisar em campo, os conflitos éticos e os riscos que são evidenciados pela eminência do contágio e transmissão do coronavírus.

Apresento o uso da bicicleta e o pedalar enquanto meio que viabiliza o estar na rua. É desse retorno ao espaço público que passo a encarar o pedalar como uma ferramenta de observação que permite identificar as mudanças e permanências nas dinâmicas urbanas, os sujeitos, estabelecimentos e fluxos que vão sendo transformados e que vão remodelando a cidade. Assim, consigo acompanhar de formar “presencial” como os decretos e protocolos de segurança são implementados e confrontados pelos múltiplos atores sociais.

Para auxiliar nos debates propostos dialogo com Nascimento (2016) e Sennet (2003) para pensar as relações entre corpo, cidade, e a presença do pesquisador em campo. Com Segata (2020)



exploro a questão da pandemia e como ela vai se constituindo de múltiplas formas. Fecho o debate teórico abordando questões sobre ética na pesquisa com auxílio de Fonseca (2018). O trabalho vai sendo organizado seguindo esses fluxos teóricos e discussões brevemente apresentadas.

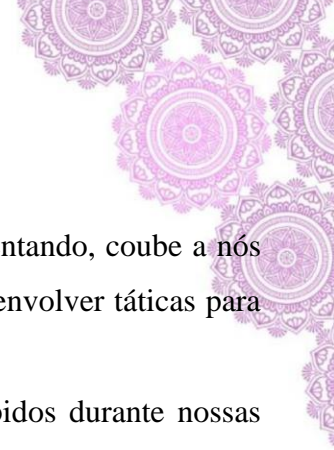
DESENVOLVIMENTO

O cenário pandêmico impactou de forma direta a vida social. Partindo de minha pesquisa mais ampla, que gira entorno da sociabilidade, lazer e uso do espaço público, precisei refletir se deveria redirecioná-la para outros aspectos, que não fosse necessária a imersão presencial. Entretanto, decidi esperar e torcer pela melhora no cenário frente os desdobramentos do coronavírus. No geral, a conjuntura nacional não melhorou, aspectos macroeconômicos, políticos e sociais não se desenvolveram da melhor maneira possível. A gestão da pandemia em solo nacional foi, e tem sido, alvo de diversas críticas. O fim do auxílio emergencial, a retomada do comércio e a flexibilização do isolamento e distanciamento social parecem ir contra a realidade de aumento do número de infectados e mortos em decorrência do coronavírus que se agravou nos primeiros meses de 2021.

O status de pandemia declarado pela OMS pode ser vista por uma perspectiva universalizante de disseminação e atuação do vírus, como também das possibilidades de respostas para gerir o cenário pandêmico. Entretanto, o enquadramento em escala global não traduz este fenômeno enquanto universal ou homogêneo. Como nos mostra Segata (2020), não se trata de a pandemia, no singular, e sim de pandemias, no plural, por entender que suas progressões se constituem para além da abordagem “vírus centrado”, observando que as distinções socioeconômicas, culturais, políticas, entre outras, afetam diretamente este evento múltiplo.

No Rio Grande do Norte, as flexibilizações dos protocolos de segurança foram adotadas no final de julho de 2020, cerca de quatro meses após o início das medidas de isolamento. Partindo deste cenário, precisei estabelecer algumas escolhas sobre minhas atividades em campo, dentre elas a principal seria retomar ou não com o modelo presencial, voltando a frequentar meu local de observação, um bar em uma praça pública. Opto por aproveitar o retorno das atividades daquele espaço e dar prosseguimento as observações *in loco*, entendendo o “privilégio” e os possíveis riscos, tendo em vista o contexto pandêmico.

A frase “o mundo parou”, frequentemente proferida em conversas informais e pelas mídias de massa, não encontrava respaldo, uma vez que, apesar das alterações, o cotidiano mantinha seu curso. As tramas para lidar com a pandemia estavam continuamente sendo traçadas, como tantas outras,



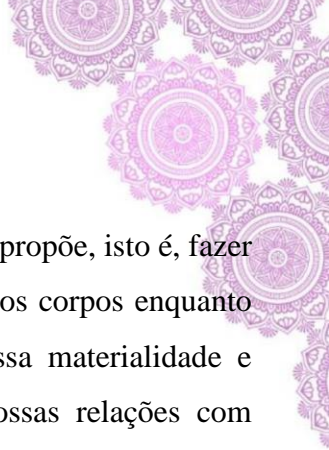
para além do coronavírus. Já que nossos atores em campo estavam se movimentando, coube a nós enquanto pesquisadores/as, que também estamos inseridos nesse contexto, desenvolver táticas para acompanhá-los/las e conseguir analisar aquilo que é observado.

Se os nossos corpos enquanto pesquisadores/as não passam despercebidos durante nossas observações e interações com as/os interlocutoras/es, obviamente isso também é válido para os riscos que enfrentamos. Ir ao campo, significava em certa medida romper o isolamento social e colocar meu corpo em risco, dada as formas de contágio e transmissão do coronavírus, conseqüentemente, isso também significava colocar outras pessoas em risco. Transitando pela cidade, me misturado ao conjunto de pessoas que permaneceram nas ruas, mantendo certo distanciamento e utilizando máscara/ álcool em gel, me perguntava se em certa medida estava contrariando recomendações dos órgãos de saúde e fortalecendo discursos que não acredito, como o fim do isolamento ainda que a conjuntura não fosse favorável.

Torna-se relevante pensar a materialidade dos/as sujeitos/as, entendendo que essas experiências são corporificadas, sendo dialogicamente produzidas com o espaço urbano. Esses se constituem enquanto possibilidade que não se limitam a aspectos negativos, como os mencionados acima e que ganham outras dimensões por meio do contexto pandêmico. Se pensamos os perigos, podemos conjecturar também os acessos, as permissões, as facilidades e as potências que precisam ser observadas e compreendidas, posicionadas e contextualizadas, formulando cenários onde esses corpos se articulam com a cidade e produzem novas experimentações, dando novos sentidos e outras narrativas, como aponta Silvana Nascimento (2016):

A etnografia urbana, por sua vez, se constrói na interação entre a experiência vivida e os modelos teóricos na tentativa de compreender as dinâmicas sociais a partir das lógicas produzidas pelas pessoas que fazem a cidade para além dos projetos urbanísticos, dos discursos midiáticos e das políticas institucionais. (Nascimento, 2016, p.2)

A autora que tem buscado articular o debate mencionado acima, interligando questões de corpo e cidade, propõe uma produção etnográfica a luz das inspirações da “corpografia”, conceito elaborado por Paola Jacques e Fabiana Brito e incorporado às reflexões antropológicas por ela. Em suas palavras, “a corpografia se traduz num modo diferenciado de sentir a cidade por meio de intervenções e performances estéticas e artísticas que provocam, rechaçam, questionam a espetacularização das metrópoles contemporâneas” (NASCIMENTO, 2016, p.2). É no “sentir”, “questionar” e “intervir” que identifico a capacidade dos/as sujeitos/as e grupos de desenhar e constituir outras “cidades” no plural, dentro do mesmo espaço urbano.



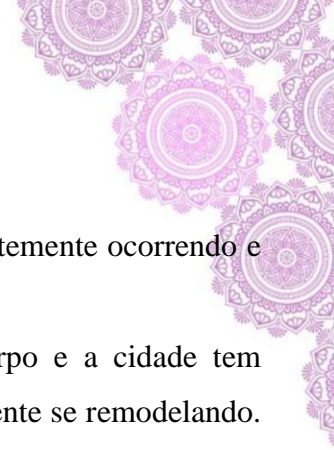
Outro ângulo dessas reflexões se volta justamente para aqueles/as que as propõe, isto é, fazer o exercício de direcionar nossos olhares para nós mesmos. Assim, pensar nossos corpos enquanto antropólogos/as em campo e construindo nossas pesquisas é reconhecer nossa materialidade e visibilidade durante as observações. É se atentar as nossas experiências, nossas relações com interlocutores/as e espaços, como nos inserimos dentro das próprias dinâmicas que propomos pesquisar.

Quando enfatizamos essa dimensão corporal dentro do contexto pandêmico não podemos desviar das reflexões sobre ética da pesquisa. Optar pela pesquisa *in loco* acaba esbarrando na questão sobre risco, que é abordado por Fonseca (2018) enquanto categoria de acusação negociada, ancorada em parâmetros do que seria entendido enquanto tolerável, variando conforme lugar e época. É interessante perceber que a exposição ao coronavírus é uma camada que ganha evidencia nas produções atuais, mas que não é única. Por exemplo, as possibilidades de violência urbana ou de outros gêneros repercutem desde antes da pandemia.

É mister recordar que demandas que envolvem risco e ética não passam a existir no contexto pandêmico. No fazer antropológico, nossas produções implicam, em boa parte dos casos, algum risco, e seguindo o pensamento de Fonseca (2018), nem sempre ele pode ser evitado e algumas vezes é desejável. O que se faz necessário é debater os desafios éticos que surgem, atentando as nossas responsabilidades enquanto pesquisadores/as e as negociações que fazemos durante nossas buscas. Dessa forma, traçamos limites e evitamos maiores problemáticas, como usos indevidos de informações.

A etnografia pode auxiliar nas pesquisas enquanto meio para compreender o fenômeno urbano, pensando as cidades para além do caos, da individualização, dos afastamentos e perspectivas que criam uma falsa noção de totalidade, de imagens que elaboram a cidade apenas pelo prisma das grandes estruturas, ressaltando as desigualdades como suas consequências. Ela, portanto, é também uma forma de produzir cidade. É nessa aproximação, seguindo os/as sujeitos/as, que conseguimos as pistas para compreensão de dinâmicas culturais e formas de sociabilidade que são constantemente traçadas e remanejadas dentro do espaço urbano pelos/as variados/as atores/as sociais.

Entendendo a cidade enquanto local que centraliza as demandas sociais, políticas e organizativas dos seres humanos, sua observação nos ajuda a compreender dinâmicas sociais. Assim, transitar pelas ruas, frequentar os espaços públicos, se atentar aos fluxos e pessoas que estão circulando por suas vias se torna um caminho possível para captar e refletir sobre a realidade social,



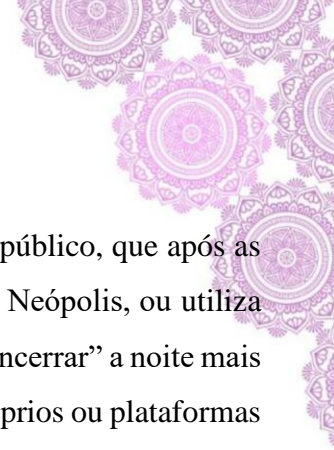
o cotidiano e, em especial nesta proposta, as transformações que estão constantemente ocorrendo e redesenhando o urbano.

Em seu estudo, Sennet (2003) mostra como as relações entre o corpo e a cidade tem historicamente estabelecido uma trama onde esses dois elementos vão mutuamente se remodelando. Nesse diálogo, que é afetado pelo avanço do capitalismo e do processo de urbanização, o deslocamento e a velocidade ajudam a dessensibilizar o corpo, o panorama das cidades se altera para cumprir as exigências do tráfego e da mobilidade acelerada das pessoas, bem como as noções de assepsia e a preocupação em diminuir possíveis obstáculos que atrapalhassem os trânsitos. O individualismo e a velocidade são alguns elementos que amortecem o corpo moderno, dificultando que ele se vincule aos espaços.

É interessante situar Natal nesta posição por entender que boa parte das produções sobre o urbano, ou tendo esse enquadramento como aspecto central, ainda estão focadas nos grandes centros, que compartilham dinâmicas e possibilitam experiências que muitas vezes divergem da realidade de localidades que possuem outras escalas. Demograficamente, a capital pode ser entendida como de médio porte quando comparada nacionalmente. Diferenças geográficas podem se manifestar na relação entre corpos, que nem sempre se enquadram dentro das normatividades hegemônicas, e o urbano, como exemplo a ocupação de espaços, a oferta de serviços do mercado segmentado direcionados a grupos específicos. Este horizonte de especificidades não pode ser perdido de vista e é também o plano de fundo da presente análise.

Retomar as idas à campo perpassa diretamente as possibilidades de locomoção e de acesso as tantas localizações espalhadas pela cidade. Neste plano, é inevitável pensar as mudanças que ocorreram durante 2020, como a redução da frota e de linhas do transporte público que limitam os deslocamentos daqueles que precisam deste serviço. Outra alteração que afeta diretamente o lazer e sociabilidade noturna é a redução dos horários de funcionamento do transporte público. Em Natal, após as 23:00 esta oferta se limita a quatro linhas “corujões”, que não abrangem todas as zonas da cidade. Consequentemente, aqueles/as que permanecem transitando durante a noite articular outras formas de locomoção, que geralmente são automóveis próprios ou plataformas de motoristas, como o Uber ou 99taxi.

Retomar as idas à campo perpassa diretamente as possibilidades de locomoção e de acesso as tantas localizações espalhadas pela cidade. Neste plano, é inevitável pensar as mudanças que ocorreram durante 2020, como a redução da frota e de linhas do transporte público que limitam os deslocamentos daqueles que precisam deste serviço. Outra alteração que afeta diretamente o lazer e



sociabilidade noturna é a redução dos horários de funcionamento do transporte público, que após as 23:00 se limita a quatro linhas “corujões”, porém nenhuma delas cobre o bairro Neópolis, ou utiliza a BR-101. Consequentemente, aqueles/as que estão indo ao La Luna precisam “encerrar” a noite mais cedo ou utilizar outras formas de locomoção, que geralmente são automóveis próprios ou plataformas de motoristas, como o Uber ou 99taxi.

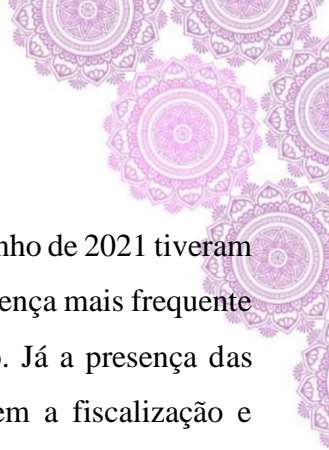
Registrar a abertura e fechamentos dos estabelecimentos, limitações de horários, formas de funcionamento, os fluxos de automóveis, de pessoas transitando, trabalhadores/as esperando nas paradas de ônibus e outras dinâmicas só se tornou possível por: primeiro, estar na rua e entender que essas observações poderiam me ajudar na pesquisa; segundo, pelo uso da bicicleta, sua velocidade limitada e a “exposição” do usuário proporcionarem um campo de interação com o ambiente bem mais amplo que automóveis ou o caminhar.

Desta forma, tento pensar através dos meus deslocamentos constantes a relação entre as medidas formuladas e implementadas pelo Estado, através dos decretos e de suas ações de cumprimento e fiscalização das normas, as dinâmicas urbanas que são reconfiguradas, e, por fim, as ações de sujeitos e grupos que estão em constante negociação e tensões, constituindo a cidade enquanto arena. Deslocar-se pela cidade, construindo caminhos e refletindo sobre as escolhas e observações feitas, contribuem na compreensão da minha experiência enquanto pesquisador/antropólogo.

O pedalar enquanto estratégia de observação se intensifica em meados de março de 2021. Primeiramente, enquanto pratica de exercício físico e de uma alternativa menos arriscada para estar nas ruas, sem contato direto com outras pessoas, em espaços abertos e onde o movimento proporcionavam alguma sensação de estar seguro quanto a contaminação/transmissão do coronavírus. É no pedalar quase diário, principalmente à noite, que vão surgindo algumas inquietações sobre quais as limitações da pesquisa, e quais caminhos poderiam ser tomados frente as adversidades.

Nesse retorno as ruas busco captar mudanças e permanências entre fluxos e personagens que vão se apresentando durante os trajetos percorridos. Inegavelmente os períodos de maiores restrições, como durante a adoção do toque de recolher, diminuíram muito as movimentações da cidade. Após as 21:00, já eram poucos os carros e motos circulando, as frotas limitadas de ônibus faziam com que sua presença fosse ainda menos frequente, poucos pedestres e alguns outros ciclistas surgiam durante os percursos.

Entretanto, notavelmente, ambulâncias, viaturas da polícia militar e motoboys/entregadores se faziam presente nas ruas, calçadas e entradas de alguns estabelecimentos. O aumento no número

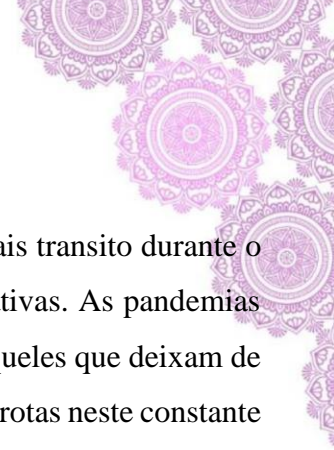


de ambulâncias acompanhou o agravamento da pandemia, os meses de março a junho de 2021 tiveram os maiores números de óbitos e casos confirmados ligados ao coronavírus. A presença mais frequente destes veículos com as luzes e sons das sirenes reforçam o momento delicado. Já a presença das viaturas, para além das atividades que já desempenham no cotidiano, remetem a fiscalização e monitoramento de bares e restaurantes, e na dispersão de aglomerações, na tentativa do cumprimento dos decretos. Repetidamente encontrava com viaturas paradas nos estabelecimentos, alertando sobre o toque de recolher e encerrando as atividades.

Os motoboys e entregadores já circulavam em grande número na cidade, visto a popularização de aplicativos de delivery, como o Ifood e o UberEats. Neste período mais restritivo, onde os restaurantes não poderiam ofertar seus serviços em seus espaços físicos, a adoção da entrega e da estratégia de retirar na loja possibilitou a continuidade das atividades. Isto é um dos fatores que causaram o aumento dessas pessoas em suas motos e bicicletas, as primeiras frequentemente em altas velocidades, que fizeram dessa demanda uma oportunidade na geração ou acréscimo de renda. Outro fator que inegavelmente atua sobre esta situação é o aumento na taxa de desemprego que se agrava durante a pandemia.

Alguns outros atores marcam a noite, a ausência ou diminuição dos fluxos que produzem parte das dinâmicas urbanas faz com que aqueles/as que permanecem nas ruas ganhem maior destaque. Das poucas pessoas com as quais cruzava durante as pedaladas, presumo, pelos uniformes e proximidades dos estabelecimentos, que a maioria eram trabalhadores e trabalhadoras, dos serviços tidos como essenciais desde os primeiros decretos, supermercados e farmácias, e já no fim da Avenida Roberto Freire, dos restaurantes e hotéis que mantinham suas atividades. Quase sempre estavam nas paradas dos ônibus, ou indo em direção a elas, esperando pelos transportes com intuito de retornar para casa. Em algumas paradas também estavam algumas pessoas em situação de rua, que as utilizava como abrigo, do vento e de possíveis chuvas, para dormir.

Outras poucas pessoas praticavam esportes, caminhada, corrida e ciclismo, pelo calçadão, aparentavam, como eu, usar do período da noite para se exercitar, com menor risco pelo pouco contato com outras pessoas. Algumas outras caminhavam pelo calçadão, de forma mais lenta, nas proximidades dos hotéis, estas acredito serem turistas que estavam hospedados pela região. Por fim, algumas mulheres em pontos estratégicos de visibilidade nas ruas ou esquinas de Ponta Negra, que se conectavam a avenida principal, performavam sensualidade, nos seus poucos passos e roupas curtas, acredito serem trabalhadoras do sexo, esperando por clientes.



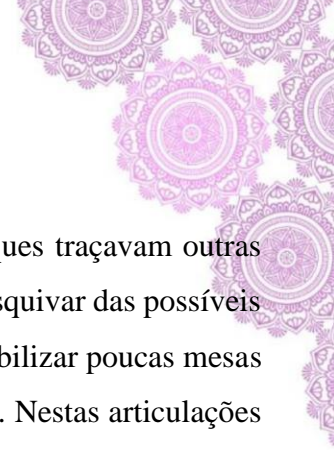
Este conjunto de elementos que passam a compor as paisagens pelas quais transitamos durante o pedalar mostram como a realidade é construída e afetada pelas decisões normativas. As pandemias ganham formas nas presenças que permanecem nas ruas em contraponto com aqueles que deixam de compor estas paisagens, gerando ausências, diminuindo fluxos e traçando outras rotas neste constante fazer cidade. No período de maior restrição, as ruas são marcadas também pelo trabalho, como apontam Vogel, Mello e Santos (1985) em seu campo de pesquisa. Seja nos veículos que continuam circulando e no aumento da sua frequência, ou dos personagens espalhados pela cidade, voltando do trabalho ou tentando trabalhar, o labor surge como componente fundamental nas dinâmicas da cidade, gerando movimentações e ocupações.

O retorno gradual das diversas atividades e o relaxamento do toque de recolher até sua finalização vão modificando e impulsionando a volta e o rearranjo dos traçados urbanos. Nas ruas o maior número de veículos e de pessoas sinalizam a melhora na conjuntura local, um processo cuidadoso que ainda convive com as recomendações e fiscalizações do Estado, de forma bem mais branda. Reocupar o espaço público ainda aparece atravessado por várias nuances.

A flexibilização das ações de contenção do avanço do coronavírus, que tem seu ápice com o toque de recolher, e a ampliação das possibilidades de “sair de casa” com o retorno do atendimento presencial dos estabelecimentos de lazer e sociabilidade, como bares, boates e restaurantes, modificam novamente a vida noturna da cidade. Aqui também são captadas algumas diferenciações entre o funcionamento dos estabelecimentos e do cumprimento dos critérios estabelecidos por decretos, como o horário de encerramento das atividades, lotação máxima de pessoas, respeito ao distanciamento, uso de máscaras e outros.

Nos bares em Ponta Negra, bairro turístico e das classes médias da cidade, o afrouxamento das medidas parece ter chegado bem antes. Mesmo nos períodos de maior fiscalização, com um controle do número de pessoas e de suas ações, alguns destes lugares já ofertavam pequenos shows com música ao vivo, mesas lotadas, pouco distanciamento e com o efeito do álcool, as medidas sanitárias pareciam ser esquecidas com facilidade.

Não pretendo com isto apontar possíveis problemáticas destas ações. Eventualmente todos estes estabelecimentos vão possibilitando que o público se sinta mais confortável para não cumprir alguns protocolos, bem como a própria clientela também vai tornando os espaços mais suscetíveis a isso, se retroalimentando. O que é interessante são as formas diferenciadas de gerenciar os decretos e as normas. Esta gestão do contexto pandêmico na escala dos estabelecimentos me parece ser atravessada também por algum resguardo dos próprios agentes do Estado.



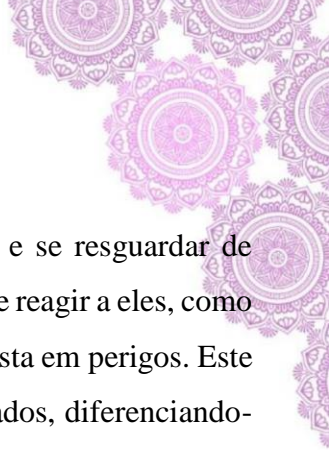
Outros estabelecimentos, como cigarreiras, conveniências 24h e quiosques traçavam outras formas de continuar funcionando, aproveitando sua pouca visibilidade para se esquivar das possíveis fiscalizações. Assim, desde direcionar o público para lugares próximos, disponibilizar poucas mesas e cadeiras, entre outros mecanismos, evitava aglomerações e futuros problemas. Nestas articulações e estratégias podemos perceber a existência de diversas formas de lidar com a imposição das normas, nelas encontramos exemplos de rupturas de modelos urbanos que estão disputando a cidade constantemente.

Não podemos perder de vista que esta experimentação da cidade é, necessariamente, corporificada. Unido a bicicleta, meu corpo possibilita o transitar pelas ruas, avenidas e demais espaços, entendendo que ele é atravessado por marcadores sociais que o afeta diretamente. Pensando de forma interseccional, acessos e restrições são produzidos e sentidos. Ser um jovem homem negro de pele clara, originário de uma pequena cidade no interior do estado, bissexual, com uma performance que se aproxima de uma masculinidade hegemônica, norteia minha experiência cidadina. O próprio ato de pedalar a noite, sozinho, é uma experiência generificada, que naturaliza a presença de homens, salvo as nuances possíveis dentro desta categoria, nos espaços públicos. Ao mesmo tempo, me preocupo em garantir a maior passabilidade ao transitar por estes espaços da Zona Sul, portando elementos como documentos e símbolos como vestimenta e performance corporal que me afastem de um estereótipo racista onde homens negros representam perigo.

Os trajetos também são pensados a partir dessas reflexões. Saber escolher quais rotas são possíveis percorrer evitando ao máximo situações de perigo são resultado de um acúmulo de conhecimento sobre a cidade e um cálculo que considera meus “acessos” e limitações. Vale destacar que também não circulava pelas periferias, o que poderia me apresentar outros “riscos”.

Com isto em mente, sublinho as recomendações de Avtar Brah (2006) que propõe pensarmos as identidades e diferenças sendo produzidas dentro das situações, se estabelecendo contextualmente. Este ponto reforça a atenção necessária para não cristalizar ou essencializar alguns marcadores, sempre tentando entender de quais formas estes são produzidos e suas consequências nas experimentações dos/das sujeitos/as.

Estas observações traçadas a partir do pedalar ilustram outras formas de observação que são feitas em movimento e de certa forma compo as dinâmicas que almeja compreender. A velocidade determinada pelo ritmo do pedalar permite que maiores distancias sejam percorridas, em comparação com uma caminhada, e ao mesmo tempo viabiliza a observação, que é aumentada pela necessidade de concentração no movimento, nas vias e nos entornos.



Pedalar aciona um estado de alerta, necessário para garantir o trânsito e se resguardar de possíveis acidentes, que vai aos poucos disciplinando o corpo a reconhecer sinais e reagir a eles, como buzinas, pessoas que surgem nas vias, carros que se aproximam e colocam o ciclista em perigos. Este estado de alerta unido a frequência nas ruas registram os cenários que são cruzados, diferenciando-os de forma a conduzir as ações mais apropriadas. Ao longo dos percursos vamos aprendendo a identificar e reagir os múltiplos estímulos visuais, sonoros e táteis, que são incorporadas as observações e análises deste texto.

O acelerar, frear e parar, passam a ser afetados pelas experiências sentidas pelo corpo. Assim, no trecho da Av. Ayrton Senna próximo a lagoa de capitação, onde já ocorreram diversos acidentes e furtos, com pouca iluminação e pouco fluxo de carros, é importante estar atento e aumentar a velocidade para atravessá-lo o mais rápido possível. Por outro lado, o final da Av. Roberto Freire, com boa iluminação, maior presença de pessoas e uma maior frequência de viaturas da polícia, é possível diminuir o ritmo, aproveitar a vista para o Morro do Careca em dias que a lua ilumina o céu com maior vigor, sentir a brisa na pele e, por vezes, o cheiro bom de comida dos restaurantes.

A geografia é outro elemento que intervém junto com o condicionamento físico. Por ser uma cidade construída em cima de dunas, Natal é lotada de ladeiras que podem impulsionar nas descidas ou pesar durante as subidas. Nestes momentos, o corpo como motor que move a bicicleta intensifica o esforço necessário durante o pedalar. Esta ação vai aos poucos modificando a estrutura corporal que busca se adaptar aos novos estímulos.

CONCLUSÕES OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia apresentou uma série de desafios para aqueles/as que se arriscam a fazer pesquisa na atual conjuntura. Entretanto, uma gama de possibilidades e de urgências continuam a surgir e demandar novos esforços analíticos. É neste horizonte que escolho por permanecer em campo, acompanhando os acontecimentos por entender o momento ímpar que estamos vivenciando.

As cidades que são constantemente desenhada e redesenhadas pelos grupos e sujeitos/as que nelas se inserem é também afetada pela aparição e propagação do corona vírus. As dinâmicas urbanas passam por reconfigurações adivindas dos decretos e protocolos de segurança que ganham novas formas e adesões pelas personagens que permanecem nas ruas, ocupando os lugares públicos por vezes sem poder fazer o contrário.

Transitar por suas vias, em um duplo movimento de experienciar e observar os arredores se mostra uma interessante estratégia para captar as múltiplas formas que a pandemia vai tomando. O



corpo unido da bicicleta vão conformando essa potente ferramenta de observação, que se deixa deslocar para conseguir acessar os diversos espaços, seus usos e suas ausências.

CITAÇÕES E REFERÊNCIAS

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. cadernos pagu, n. 26, p. 329-376, 2006.

FONSECA, C. 2018. Pesquisa 'risco zero': é desejável? É possível? In: Grossi, M.P., Schwade, E., Mello, A. G. de e Sala, A. (Orgs.). Trabalho de campo, ética e subjetividade, 195-212. Tubarão/Florianópolis: Copiart/Tribo da Ilha.

NASCIMENTO, Silvana. A cidade no corpo. Diálogos entre corpografia e etnografia. Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP, n. 19, 2016.

SEGATA, Jean. A pandemia e o digital. Todavia. Porto Alegre, RS. Vol. 7, n. 1 (dez. 2020), p. 7-15, 2020.

SENNETT, Richard. Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental. Tradução Marcos A. Reis – 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

VOGEL, Arno; DA SILVA MELLO, Marco Antonio; SANTOS, Carlos Nelson Ferreira. Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro. Projeto, 1985.